

A HISTÓRIA  
DA EDUCAÇÃO  
EM VILA NOVA DE GAIA

COORD.  
CLÁUDIA PINTO RIBEIRO  
FRANCISCO MIGUEL ARAÚJO

Título: *A História da Educação em Vila Nova de Gaia*

Coordenação: Cláudia Pinto Ribeiro  
Francisco Miguel Araújo

Fotografia da capa: fac-símile do «Projecto da Escola Municipal “Pinto Mourão”, lugar de Laborim de Baixo»  
(Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner – Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia)

Design gráfico: Helena Lobo | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-70-8

Depósito Legal: 426971/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

Porto

Junho 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

Apoios: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner; HISTEDUP – Associação de História da Educação de Portugal.

# CONTRIBUTOS EDUCATIVOS DA COMPANHIA DE FIAÇÃO DE CRESTUMA (LEVER) PARA O ENSINO EM VILA NOVA DE GAIA

FÁTIMA TEIXEIRA

**Resumo:** Quem visitar a freguesia de Lever em Vila Nova de Gaia pode observar uma antiga escola primária, cuja fachada patenteia o nome: “Comendador António Pimenta da Fonseca”. O que aqui nos propomos esclarecer é, não só quem foi este homem, que ação teve na referida freguesia e mais concretamente na dita escola, mas também a sua importância no desenvolvimento de outras ações relacionadas com a instrução, o desporto e a ação social enquanto dirigente da Companhia de Fiação de Crestuma, fábrica implantada naquele território em 1854 e que funcionou até à última década do século XX.

**Palavras-chave:** *Lever; Pimenta da Fonseca; Companhia de Fiação, Educação.*

**Abstract:** If you ever visit the civil parish of Lever in the city of Vila Nova de Gaia, you will find an old primary school with a name written on its facade: “Comendador António Pimenta da Fonseca”. This paper clarifies who this figure was and the role he played in the parish of Lever and that particular school, discovering in the process his wider influence in sectors such as education, sports and social services during the time he managed the “Companhia de Fiação de Crestuma”, a textile factory in the nearby parish that operated between 1854 and the late 20th century

**Keywords:** *Lever; Pimenta da Fonseca; Textil factory, Education.*

## 1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresentada no colóquio “A História da Educação em Vila Nova de Gaia” resultou de uma investigação mais alargada, fazendo parte de um capítulo da nossa dissertação de mestrado sobre a Companhia de Fiação de Crestuma o qual intitulamos como: «Questões ou preocupações sociais?».

Localizada no lugar das Hortas da freguesia de Lever<sup>1</sup>, a Companhia de Fiação de Crestuma começou a funcionar em 1854, pelas mãos de quatro capitalistas e negociantes da cidade do Porto, cujo objetivo principal era a fiação de algodão. Trinta anos depois chega a diretor desta companhia José Moreira Pimenta da Fonseca (fig. 1), ocupando esse lugar até à data da sua morte, ocorrida em 1920, sucedendo-lhe no cargo seu filho António Pimenta da Fonseca (fig. 2).

É sob a direção dos Pimenta da Fonseca que a fábrica atinge maior desenvolvimento económico e prestígio social. Devido à ação paternalista e filantrópica desenvolvida por este clã, foi possível registar os seus contributos nas diversas áreas em geral, e nos educativos em particular. Em 1891, o *Jornal dos Carvalhos*, através do seu correspondente em Crestuma, publicava um artigo resumido sobre as fábricas existentes e a funcionar e as que estavam previstas abrir brevemente na referida freguesia, assim como na vizinha de Lever. Elencando e opinando sobre cada uma delas, remata com o seguinte:

*Entre todas é digna de louvor a Direcção actual da Fiação de Crestuma, composta dos Snrs. Manoel Ribeiro Fernandes e José Moreira Pimenta da Fonseca. Este último é industrial bem conhecido do operariado portuense que o respeita como pae terno e carinhoso... isto nos seus estabelecimentos do Porto, aqui [C.F.C.] tem sido de gigante o impulso dado por elle à indústria; não fosse elle o Director da Fiação de Crestuma, a maior parte da população morreria à mingua, pois que, graças á sua energia, e sábia administração se deve o trabalhar continuo da fábrica, o que não sucedia em outro tempo<sup>2</sup>.*

Este parágrafo dá-nos o mote ao assunto que nos propomos aqui tratar, na sequência do capítulo enunciado, sobre a averiguação das preocupações sociais por parte desta família de industriais.

---

<sup>1</sup> A designação Crestuma no nome da empresa deve-se à localização nesta freguesia do seu cais de ancoragem privativo, por onde chegavam as matérias-primas e muitos operários e era feito o escoamento dos produtos manufaturados.

<sup>2</sup> *Jornal dos Carvalhos*, 01.11.1891, p. 3.

## 2. A COMPANHIA DE FIAÇÃO DE CRESTUMA: UM EXEMPLO DE FILANTROPIA PRIVADA

Dez anos antes do decreto que veio regular o trabalho das mulheres e menores nas fábricas<sup>3</sup>, já a comissão que elaborou o *Inquérito Industrial de 1881*<sup>4</sup> no distrito do Porto apontava nas suas conclusões algumas indicações relacionadas com as questões sociais. Tendo ou não sido levadas em conta, esta matéria acaba por ser legislada, muito embora a sua prática tenha sido apenas aplicada em algumas indústrias e destas apenas numa ínfima parte das fábricas.

Para a Companhia de Fiação de Crestuma não temos dados para todas as alíneas referidas no mencionado decreto, resultado óbvio das sessões da Conferência de Berlim que tinham sido realizadas no ano anterior, contudo, verificamos que aqui em alguns aspetos surtiu efeito desde muito cedo, pelo menos, nesta fábrica.

Tendo em conta que a falta de pessoal habilitado era uma das queixas dos industriais e uma constatação referida nos inquéritos e relatórios, a 2 de março de 1891, foi aqui iniciado: «um curso nocturno de portuguez, francez, latim e desenho, na Fábrica de Fiação, dirigido pelos ex.mos Snrs. Joaquim Francisco de Sá, professor oficial desta freguesia, Hermano de Castro e José Rodrigues da Silva»<sup>5</sup>. Não sabemos quanto tempo durou, quem o frequentou ou que resultados deixou diretamente na fábrica que o patrocinou, mas não deixa de ser um registo interessante para o mesmo ano em que se publicava o decreto, cujo capítulo VI versava sobre o ensino primário e que no seu artigo 25.º dizia o seguinte: «a obrigação do ensino de que trata o artigo antecedente pode ser cumprida em escola pertencente ao estabelecimento industrial»<sup>6</sup>.

Podemos afirmar que a criação deste curso foi uma preocupação social? Provavelmente não. Mas foi com certeza uma tentativa de contribuir para a resolução de uma questão social que nos mostra que estes diretores tinham consciência da



**Figura 1.** José Moreira Pimenta da Fonseca.

Fonte: espólio da Companhia de Fiação de Crestuma

<sup>3</sup> Decreto-lei de 14.04.1891.

<sup>4</sup> AA.VV, 1881.

<sup>5</sup> *Jornal dos Carvalhos*, 01.03.1891, p. 3.

<sup>6</sup> Decreto-lei de 14.04.1891.

falta de pessoal instruído e que o verificavam todos os dias na sua própria empresa, queixando-se por vezes de terem máquinas paradas por não terem operários habilitados para nelas trabalharem.

Independentemente da questão acima tratada, ao analisarmos os relatórios da direcção anualmente apresentados aos acionistas verificamos que de facto existiu, pelo menos a partir de certa altura, uma preocupação social bastante acentuada e discutida em assembleia geral. Atentemos no relatório referente ao ano de 1902 onde são apresentadas algumas queixas sobre a paralisação dos mercados de África, sendo portanto necessário diminuir a produção parando algumas máquinas, reduzindo os dias de trabalho. Contudo, entenderam «empregar o pessoal operário em outros serviços» e três anos depois informam o seguinte: «é triste, senhores acionistas, que achando-se a indústria algodoeira, desde 1900, sob a pressão d'uma crise de trabalho, que compromete, não só os avultados capitaes n'ella empregados, como torna dificultoso o viver do operariado», prosseguindo: «fomos coagidos [...] a trabalhar quatro dias por semana, [...] resultando uma diminuição de salario [que] tornou afflictiva a situação do operariado»<sup>7</sup>.

É possível por estas palavras reconhecer que existia efetivamente uma preocupação social com a situação dos seus operários, coincidindo estes factos com o início das obras para a nova secção de tecelagem, tendo ficado decidido utilizarem o pessoal da fábrica na terraplanagem e remoção de entulho, salvaguardando assim os postos de trabalho.

Em 1912, e na sequência de um grande incêndio que destruiu dois terços da secção de fiação, os administradores dirigem-se à assembleia de acionistas da seguinte forma: «para não juntarmos ao nosso grande desgosto o de termos de licenciar a maior parte do pessoal operário, empregamo-lo no serviço de desobstruir a parte incendiada e assim ficou a coberto da falta de meios para a sua subsistência»<sup>8</sup>. Ora, não havia lei, decreto ou qualquer outro regulamento que obrigasse a resolver desta forma a situação a que se referem estas palavras.

Já em finais da Primeira Grande Guerra, e reconhecendo a carestia a que chegaram os géneros de subsistência, decidiram aumentar os salários do pessoal operário e técnico. Dois anos depois, e na sequência do mesmo problema de carestia, decidiram montar na própria fábrica um serviço de fornecimento de alimentos onde os operários pudessem adquiri-los nas melhores condições de preço e qualidade: «embora com algum prejuízo para a Companhia, que entendemos dever concorrer para suavizar as dificuldades da vida»<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Companhia de Fiação de Crestuma (C.F.C.) – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal* [1905].

<sup>8</sup> C.F.C. – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal* [1912].

<sup>9</sup> C.F.C. – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal* [1921].

Nesta mesma assembleia e com o mesmo intuito foi decidido modificar um edifício para o apropriar a creche e escola onde os filhos dos operários pudessem aprender as primeiras letras e «os conhecimentos elementares da indústria» para mais tarde se tornarem bons profissionais. Preocupação social ou cumprimento do recente decreto que criou o Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral<sup>10</sup>? Não conseguimos destrinçar, não deixando contudo de se tratar de mais uma tentativa de contribuir para a resolução de um aspeto parcelar das questões sociais, neste caso o da educação.

No ano seguinte a direção queixava-se da falta de pessoal: «apezar do benefício que a Companhia continua a conceder-lhe, fornecendo-lhe quasi todos os géneros alimentícios em condições excepcionais [...], além de assistência medica e remédios de graça»<sup>11</sup>. Complementando estes benefícios, estava já em construção uma área para ministrar assistência médica ao pessoal com sala de operações e enfermaria, tendo ainda, em 1924, sido adquirida uma ambulância.

Como temos vindo a observar é difícil delimitar onde começam as preocupações com as questões sociais da época e acabam as tentativas da sua resolução. Se por um lado verificamos a aquisição de equipamento tendo em vista a melhoria da qualidade e condições de vida dos operários, por outro, não podemos esquecer que as queixas de falta de pessoal são uma constante na Companhia. Logo havia que criar condições apetecíveis à cativação de maior quantidade de pessoal.

Mas, entre estes dois paradigmas que temos vindo a tratar, não restam dúvidas de que há uma forte preocupação social por parte da direção da empresa, bem visível mais uma vez, no ano de 1927, quando explodiu a caldeira do seu vapor “Crestuma”, tendo falecido neste desastre o maquinista, o fogueiro e o barqueiro, tendo então sido decidido subsidiar durante algum tempo as famílias das vítimas para minimizar a situação precária em que iriam ficar. Outro tipo de preocupações, eram discutidas frequentemente e referiam-se à construção ou remodelação de novos edifícios, apontando sempre que, para além de aumentar a produção, era necessário melhorar as condições de higiene do pessoal operário.

Mas a grande obra social pensada pela Companhia de Fiação de Crestuma, sob a assinatura do engenheiro António Alla, surge no ano em que rebenta a II Guerra Mundial, entrando em 1940 o projeto nos serviços técnicos da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia de cuja memória descritiva é possível extrair a sua grandiosidade, diversidade de funções e com uma grande componente de preocupação social. Tratava-se da construção de um edifício para creche, refeitório, balneário e sala de reuniões. No que diz respeito ao refeitório especificavam que teria dispo-

---

<sup>10</sup> Decreto n.º 5 640, de 10.05.1919.

<sup>11</sup> C.F.C. – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal* [1921].

sitivo para aquecimento de comida, lavatórios, casas de banho e chuveiros para o pessoal. Quanto à creche estava previsto uma cozinha, sala de jantar e quarto para a empregada e um outro para lavatório das crianças. Teria ainda casa de banho, roupa e dormitório com dezoito camas.

Outra parte do edifício seria ocupada pela sala de espetáculos, salvaguardando não se tratar de uma casa de espetáculos públicos onde se pagasse bilhete, mas: «apenas um salão onde os operários da Fábrica assistirão a conferencias de carácter cultural e onde os mesmos operários poderão, quando a direcção julgue conveniente, assistir a representações que o seu grupo sénico dê ou à exibição de filmes educativos»<sup>12</sup>. Pela descrição pormenorizada deste projeto pode verificar-se que de facto existia uma preocupação social, pretendendo-se inculcar aos trabalhadores o gosto pela sua formação mas principalmente: «retirar da taberna os seus operários e fazer com que assistam a pequenas representações e conferencias que elevem o seu nível de cultura social»<sup>13</sup>.

Ao longo de todo o processo são constantes as preocupações com a higiene, luminosidade, isolamento térmico e localização do edifício, anotando as boas acessibilidades e a proximidade dos bombeiros. Este complexo era ainda contemplado com uma área de venda de fruta ao pessoal.

Não restando pois dúvidas quanto à grande preocupação social na elaboração e descrição de todo este projeto, contudo não devemos esquecer, mais uma vez, que todos estes empreendimentos teriam que estar de acordo com o que a lei previa. Por isso continuamos no fio da navalha, com dificuldades em distinguir a linha divisória entre o que era uma questão social que o capital teria de resolver legalmente e onde começava a preocupação e interesse efetivo pela classe operária.

O projeto de construção obedecia a todos os requisitos legais e foi aprovado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, mas no relatório de apresentações de contas referente a 1942, a direcção da Companhia de Fiação de Crestuma dirige-se à Assembleia informando: «a construção do edifício para refeitório, creche e balneário, para os nossos operários, tem sido demorada pela dificuldade na aquisição de materiais de construção que escasseiam no mercado, faltando mesmo alguns por completo»<sup>14</sup>. Consequência direta da instabilidade mundial que se atravessava, embora a fábrica continuasse a demonstrar lucros equilibrados, a aposta era cada vez mais na remodelação de maquinaria e intensificação da produção, pelo que as obras de implantação de novas estruturas passaram para segundo plano.

<sup>12</sup> Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner (AMSMB) – *Processo de Obras Particulares em nome de Companhia de Fiação de Crestuma* [1940].

<sup>13</sup> AMSMB – *Processo de Obras Particulares em nome de Companhia de Fiação de Crestuma* [1940].

<sup>14</sup> C.F.C. – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal* [1941].



Pelo aditamento ao processo chegado à câmara em 1948 verificamos que, três anos antes tinha sido pedido um outro, visto a obra não estar a decorrer no tempo previsto, estando apenas levantadas as paredes e pilastras. Mas mesmo assim o dito aditamento também não foi levado à prática. Pelo que surge então, um projeto de adaptação para pôr um telhado, ficando o edifício apenas com um andar onde seria preterida a sala de espetáculos e reuniões projetada para o segundo piso no projeto inicial. A maior aposta era então no refeitório com uma capacidade de 424 lugares, mas que em horário alternado dava para o dobro «excluindo os mestres»<sup>15</sup>.

Após exaustiva descrição a nível funcional, o engenheiro civil responsável pelo projeto<sup>16</sup> remata o mesmo com o seguinte articulado: «numa época em que são bastante grandes as dificuldades com que lutam as empresas industriais, [...] só é para louvar o esforço da Companhia de Fiação de Crestuma em assegurar ainda mais conforto ao seu pessoal operário»<sup>17</sup>. Prossegue com outros elogios e conclui que a ideia será mais tarde elevar o segundo andar previsto no projeto inicial, congratulando-se por este projeto lhe ter sido entregue.

Os anos seguintes foram de grande instabilidade para a Companhia de Fiação de Crestuma, quer a nível externo, provocado pelas consequências do pós-guerra, quer a nível interno com o afastamento de um dos diretores, Eduardo Marques dos Santos, e manifestação de doença e debilidade do outro, António Pimenta da Fonseca, que viria a falecer em 1954 sem ver a sua grande obra social concluída. De resto, este projeto iniciado em 1940 nunca se chegou a concretizar, estando atualmente ainda erigido no terreno no mesmo ponto em que se encontrava na época do primeiro pedido de alteração.

Sem termos documentação que nos ateste o lugar exato para a sua construção, verificamos pelo relatório e apresentação de contas relativo ao ano de 1962, agora assinado pelos diretores Arnaldo Allegro de Magalhães e Arlindo Monteiro Pinto, que: «ficaram concluídos os novos refeitório para o pessoal, agora condignamente instalado». Faz ainda referência a novas instalações sanitárias e outras reparações, o que nos leva a concluir que a creche nova e a sala de reuniões e espetáculos nunca passaram da boa vontade e generosidade do diretor executivo António Pimenta da Fonseca que, pelo que veremos a seguir, não deixou de contribuir através de outras ações e empreendimentos para minorar as dificuldades sociais dos seus operários e da própria população da freguesia de Lever.

---

<sup>15</sup> Permite-nos ter uma ideia do número de operários que trabalhavam nesta época nesta fábrica.

<sup>16</sup> Augusto Nascimento Nunes da Fonseca Júnior, engenheiro e assistente do Instituto Industrial do Porto.

<sup>17</sup> AMSMB – *Processo de Obras Particulares em nome de Companhia de Fiação de Crestuma* [1948].

### 3. ANTÓNIO PIMENTA DA FONSECA: UM BENEMÉRITO DE LEVER



Figura 2. António Pimenta da Fonseca.

Fonte: espólio da Escola Básica de Painçais  
18 Lever

Embora as questões atrás apresentadas fossem discutidas e sancionadas em assembleia de acionistas, estamos em crer que estas medidas eram a expressão da vontade de António Pimenta da Fonseca enquanto administrador da empresa. Tendo nascido na margem direita do Douro, foi ao lado esquerdo que dedicou a maior parte da sua vida. São constantes as notícias na imprensa local sobre as suas visitas à fábrica, desde criança, acompanhado por seus pais e irmã. Assim se verifica que, desde muito cedo, acompanhou de perto a evolução fabril impulsionada pelo progenitor e dele terá herdado a bondade e generosidade de espírito com que tantas vezes foi caracterizado.

Chegado à direção da fábrica em 1920, pouco tempo depois foi agraciado com o grau de comendador<sup>18</sup> deixando a sua memória bem vincada na população local, não só pela sua ação enquanto executivo, mas, principalmente, a nível pessoal. Será possível separar uma coisa da outra? A documentação que conhecemos separa efetivamente a ação social levada a cabo pela empresa da ação de caráter pessoal, contudo, concluímos que se trata de uma só origem e das duas faces de uma só moeda. Não fosse a localização geográfica da Companhia de Fiação e o mais provável é que António Pimenta da Fonseca não conhecesse sequer a freguesia de Lever. De qualquer modo a diferenciação existe e por isso apresentemos agora a sua ação benemérita e social a título pessoal.

Em 1936, os ex-alunos do Colégio do S. Lázaro do Porto organizam uma homenagem a José Moreira Pimenta da Fonseca, pai do seu condiscípulo António. Este grupo, que embarca no vapor “Crestuma” na manhã de 14 de junho, no cais dos Guindais do Porto, chega uma hora e meia depois à lingueta do porto de Crestuma, desembarcando acompanhado por alguns elementos de diversos jornais, sendo recebidos à entrada da fábrica, junto ao busto que anos antes ali tinha sido colocado em frente ao edifício da administração. A homenagem decorreu como

---

<sup>18</sup> Arquivo Histórico da Presidência da Republica – *Ordem de Benemerência de António Pimenta da Fonseca*, Processo n.º 39 [1929].



**Figura 3.**  
Escola Básica de Painçais, antiga  
escola primária Comendador  
António Pimenta da Fonseca.  
Fonte: fotografia do autor

estava previsto e contou com a participação do piquete de bombeiros privativo da fábrica, todo o pessoal operário e ainda os alunos das escolas oficiais de Lever.

Entre discursos e cumprimentos a festa foi rematada com um: «banquete, primorosamente servido [...], no fim do repasto e por sugestão unânime dos convivas foi feita uma *quête*, que rendeu cerca de 850 escudos destinada aos pobres da freguesia de Lever»<sup>19</sup>. Embora quase todos os membros da direção da Companhia estivessem presentes, tratou-se sem dúvida de uma festa particular onde os «pobres da freguesia» não foram esquecidos. Ainda atentando nesta homenagem não é de estranhar aí a presença dos alunos das escolas oficiais, se tivermos em conta uma portaria da Direção Geral do Ensino Primário de 1933 onde se pode ler o seguinte (fig. 3):

*Tendo o comendador António Pimenta da Fonseca prestado relevantes serviços à escola de ensino primário elementar da freguesia de Lever [...] não só contribuindo com valiosos donativos para a sua ampliação e conservação, mas ainda dispensando-lhe o máximo do seu zelo e actividade [...] manda o Governo da Republica [...] que à referida escola seja dada a designação de Escola do Comendador António Pimenta da Fonseca*<sup>20</sup>.

A ação benemérita do comendador em relação ao ensino é novamente anotada quando entra nos serviços técnicos da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, a 25 de janeiro de 1947, um ofício em seu nome, pedindo: «autorização pra mandar proceder por sua conta e risco a reparações urgentes no edifício escolar [...], visto haver necessidade de que as mesmas se executem no mais curto espaço de tempo»<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> AA.VV., 1936: 16.

<sup>20</sup> Diário do Governo, I série, n.º 33, de 10.02.1933.

<sup>21</sup> AMSMB – *Processo de pequenas obras em nome de António Pimenta da Fonseca* [1947].

A generosidade de António Pimenta da Fonseca não ficou apenas marcada na toponímia escolar ou na memória dos pobres da freguesia. Poucos anos antes da sua morte, recordamos em 1954, ainda inaugurou o parque de jogos do Clube União Desportiva Levensense, agremiação fundada em 1939 por Manoel Vieira Rocha do lugar de Painçais<sup>22</sup>. Tendo estado inerte durante vários anos, reorganiza-se novamente em 1950. A sua primeira assembleia geral ocorreu no dia um de abril desse mesmo ano com o: «propósito de [o] fazer reviver, dando-lhe normas legais». Nesta mesma reunião foram eleitos os corpos gerentes e apresentado o plano de obras a realizar, mas também as negociações que estavam a decorrer com o intuito de alugar um terreno para a construção do Parque de Jogos. Foi ainda apresentado o projeto dos seus Estatutos.

No ano seguinte, e antes da «Ordem da Noite»<sup>23</sup>, aproveitaram para: «enaltecer o auxílio moral e financeiro prestado por sua Excelência o Senhor comendador Pimenta da Fonseca, pedindo a todos os Levensenses para lhe demonstrarem a sua gratidão quando tivessem oportunidade»<sup>24</sup>. No decorrer da ordem de trabalhos foi nomeada uma comissão para tratar do programa de festas e angariação de fundos para a inauguração do referido parque de jogos. A 12 de maio de 1951 é feita uma reunião extraordinária para apreciação e discussão do programa das festas para a inauguração das bancadas e denominação a atribuir-lhe. Foi então aprovado por aclamação o nome do benemérito comendador, que no caso de recusar recairia no de sua esposa. Prevendo ainda que se nenhum dos dois aceitasse, aguardariam pelas suas mortes: «dando então ao Parque o nome do Ex.mo Sr. Comendador Pimenta da Fonseca que então se não poderá opôr»<sup>25</sup>. Ficou assim o seu reconhecimento imortalizado no centro da bancada principal através de um painel de azulejos feito pela fábrica do Carvalhinho onde se encontra representado com sua esposa de segundas núpcias, Almerinda da Silva Machado que, a par do marido, praticou também vários atos beneméritos como o que ficou registado nas memórias da Banda Marcial Levensense com a bênção da bandeira por ela oferecida<sup>26</sup>.

A participação social de António Pimenta da Fonseca não se resume à freguesia de Lever, como o podemos constatar através da sua participação no apoio à construção da igreja do Marquês na cidade do Porto, cuja escultura de Santo António que ostenta a fachada foi por si patrocinada. Mas já em 1931, através do *Comércio do Porto*, contribuíra com o valor de 200\$00 para a Associação de Creches de Santa

---

<sup>22</sup> Arquivo Distrital do Porto (ADP) – *União Desportiva Levensense*, 1979.

<sup>23</sup> Expressão utilizada nestas reuniões por se realizarem sempre à noite.

<sup>24</sup> ADP – *Livro de atas da União Desportiva Levensense*, ata n.º 1, 01.04.1950.

<sup>25</sup> ADP – *Livro de atas da União Desportiva Levensense*, ata n.º 3, 12.05.1951.

<sup>26</sup> *Comércio do Porto*, 25.01.1950, p. 3.

Marinha em Vila Nova de Gaia<sup>27</sup>. Fica também aqui por referir a sua ação como mesário da Ordem do Carmo no Porto.

## 5. CONCLUSÃO

Como podemos concluir do que fomos anotando ao longo do texto, existe uma relação constante entre o que poderemos chamar questões sociais e preocupações sociais. Por um lado teremos de distinguir as ações efetuadas sob os desígnios da Companhia inseridas num contexto epocal cujas atitudes e ações realizadas não passavam de um conjunto de satisfações das estratégias patronais, ou seja uma forma de proximidade com os problemas dos operários proporcionando-lhes uma série de comodidades e equipamentos, estabelecendo assim uma relação de reciprocidade, esperando o agradecimento e obediência por parte destes.

Proximidade esta, que no caso da Companhia de Fiação de Crestuma se estendeu, como já vimos, a toda a comunidade local através do desporto e da instrução. Poderíamos mesmo cair na tentação de avaliar estas ações estritamente dentro do quadro ideológico que criou a FNAT e que foi também desenvolvido em fábricas congéneres<sup>28</sup>. Mas à medida que fomos avaliando a ação individual de António Pimenta da Fonseca que, como já vimos, não pretendia grande visibilidade pessoal<sup>29</sup>, estamos convictos que mais do que cumprir as diretivas impostas pelo governo e pela sociedade da época, se tratava na realidade de um verdadeiro filantropo dedicado às diversas áreas e muito concretamente à educação.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes Documentais

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner – *Processo de Obras Particulares em nome de Companhia de Fiação de Crestuma*, 1940.

---

<sup>27</sup> *A Luz do Operário*, 21.02.1931, p. 3.

<sup>28</sup> Cf. um outro exemplo gaiense de ação social numa fábrica de cerâmica, PEREIRA, 2009.

<sup>29</sup> A Direção do União Desportiva Levensense fazia mesmo questão de pôr o seu nome no Parque de Jogos, contudo, não tinham a certeza de que ele aceitasse. Isto porque sendo quase todos eles operários da Companhia de Fiação de Crestuma, conheciam-no suficientemente bem ao ponto de preverem que ele pudesse não o aceitar, o que nos demonstra que não havia por parte do comendador grande interesse na sua promoção pessoal.

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner – *Processo de Obras Particulares em nome de Companhia de Fiação de Crestuma*, 1948.

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner – *Processo de pequenas obras em nome de António Pimenta da Fonseca*, 1947.

Arquivo Distrital do Porto – *União Desportiva Leverense*.

Arquivo Histórico da Presidência da Republica – *Ordem de Benemerência de António Pimenta da Fonseca*, Processo n.º 39, 1929.

## Fontes Hemerográficas

*A Luz do Operário* (Vila Nova de Gaia, 1931).

*Diário do Governo* (Lisboa, 1831-1933).

*Jornal dos Carvalhos* (Vila Nova de Gaia, 1891).

*O Comércio do Porto* (Porto, 1950).

## Bibliografia

AA.VV. (1881) – *Relatório apresentado ao Ex.mo Snr. Governador Civil do Districto do Porto, pela Sub-Comissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriais*. Porto: Typ. de António José da Silva Teixeira.

— (1936) – *Breves notas monográficas da Homenagem prestada em Lever, pelos antigos alunos do Colégio de S. Lázaro à memória do Comendador José Moreira Pimenta da Fonseca, em 14 de junho de 1936*. Vila Nova de Gaia: [s. n.].

Companhia de Fiação de Crestuma (1905) – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal*.

— (1912) – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal*.

— (1921) – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal*.

— (1941) – *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal*.

PEREIRA, Hugo Silveira (2009) – *A acção social, desportiva e cultural da Fábrica do Carvalhinho*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 69.